

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

Forçada a mudar

VANDA MARIA JACINTO

 Escritora, autora do livro *Rabiscando os caminhos da prosa*.

v.m.j@hotmail.com



Quando mudar hábitos passa a ser uma necessidade, perde-se definitivamente a liberdade de ação. Concorde?

Muitas vezes somos forçados a mudar nossa rotina, devido a pressões externas – o que nos abstrai o direito a opção. Exatamente o que ocorreu dias atrás comigo.

Não costumo prestar atenção aos noticiários policiais, mas, ouvindo de uma vizinha o relato de um assalto à mão armada, com o sol ainda alto. Fiquei um tanto preocupada, pois o fato ocorreu no bairro, aqui bem próximo de casa.

Assustada com a violência que assola o mundo e, em especial, a nossa cidade, que já foi manchete nesse assunto, tenho a sensação de impotência total. Sem grandes apoios dos nossos governantes, seguimos à deriva pelos caminhos inseguros que nos são ofertados. Essa é uma grande verdade!

O que fazer para driblar tal insegurança? A quem recorrer? Que cuidados devemos ter? De quem é a culpa?

Muitos são os questionamentos que vão surgindo. No entanto, as respostas não chegam, ou não estão a contento. Assim, cada um vai se virando

como pode.

Quando pequena, fui muito medrosa. Tinha medo do escuro, principalmente. Mas adorava ouvir “estórias de medo”. Naquele tempo, não havia censuras como hoje e era comum às sextas-feiras, ir à casa da vizinha para assistir a uma série denominada de “Zé do Caixão” – terror e suspense numa combinação macabra. Lógico que, ao chegar em casa, conseguia imaginar monstros cruéis a me observar e puxar minhas pernas, por baixo da cama ou das cadeiras. Também acreditava em Mulassembaca, Lobisomem, Cuca, Saci. Enfim, uma medrosa de carteirinha! Mas era um medo diferente. Misterioso. Não sei explicar, mas era.

Nessa época, ouvia das pessoas, especialmente dos mais velhos, que o medo estava apenas na nossa mente. Afirmavam ainda que tudo o que estava no

ambiente, quando as luzes estavam acesas, permanecia no escuro. Quem disse que eu acreditava?

Quantas vezes me vi tentando driblar esse temor, apagando as luzes. Mas nunca sozinha, é claro! O pavor era tanto que me faltava o ar. Carreguei esse trauma até a vida adulta. Foi luta ferrenha nesse combate. Mas consegui!

Cresci, ouvindo que não devia ter medo de nada, só assim enfrentaria meus temores de frente. Hoje me considero uma pessoa destemida, acho até que exagerei nesse sentido. Tanto é que costumava caminhar, bem cedinho, no entorno do conjunto habitacional onde morava, mais precisamente às quatro e meia da manhã. Coisa que não faço mais, devido ao receio crescente de um possível assalto.

Forçadamente, procurei uma

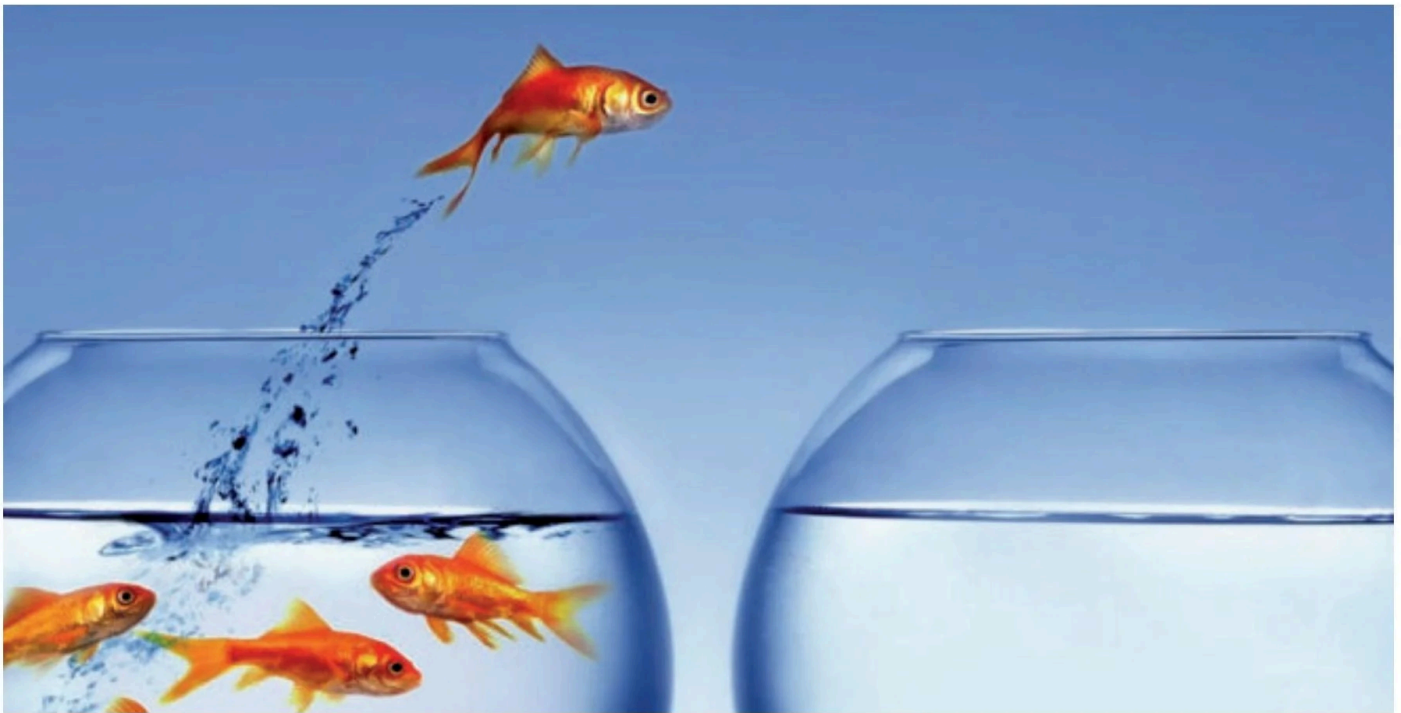
academia para praticar algum tipo de exercício que venha a substituir minhas caminhadas. Definitivamente, não consigo sentir prazer nessa prática. Não suporto ambientes fechados. Vou na marra!

Continuo esporadicamente com minhas caminhadas, embora um pouco mais tarde. No entanto sempre atenta aos ruídos de motos, carros e passos próximos. Tudo me assusta.

A alegria de caminhar ao ar livre, observando a natureza, ouvindo o canto dos pássaros aos primeiros raios do sol, não tem preço! Só riscos...

Necessário se faz estar aberto às mudanças, entretanto estas não podem nos mutilar, nem torturar. Apesar de me colocar na condição de assustada e temerosa, minha coragem e respeito a mim têm de ser maiores.

Pense nisso!


De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685